

LINGUASAGEM

DESVENDANDO A MENTIRA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE BASEADA EM PROTÓTIPOS

Carolina Peternela Colosso¹

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar o conceito de mentira no português brasileiro sob uma perspectiva baseada em protótipos, demonstrando que a mentira não é um conceito fixo, mas um fenômeno gradual influenciado por fatores linguísticos e culturais. A utilização de protótipos se mostra uma abordagem metodologicamente interessante, permitindo análises mais precisas e menos subjetivas. Ilustramos essa abordagem e seus resultados através da aplicação de um experimento de definição de mentira, a partir do trabalho pioneiro de Coleman e Kay (1981). Além disso, a categorização da mentira é influenciada por fatores individuais e contextuais, sugerindo a necessidade de mais investigações sobre sua relação com a linguagem, cognição e cultura. O estudo também destaca a importância da comparação intercultural para aprimorar os experimentos e expandir a compreensão da mentira em diferentes contextos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Mentira; Gradualidade; Protótipo.

ABSTRACT

This study aims to investigate the concept of lying in Brazilian Portuguese from a prototype-based perspective, demonstrating that lying is not a fixed concept, but a gradual phenomenon influenced by linguistic and cultural factors. The use of prototypes proves to be a methodologically interesting approach, allowing for more precise and less subjective analyses. We illustrate this approach and its results by applying an experiment to define lying, based on the pioneering work of Coleman and Kay (1981). Furthermore, the categorization of lying is influenced by individual and contextual factors, suggesting the need for further research into its relationship with language, cognition and culture. The study also highlights the importance of cross-cultural comparison to improve experiments and expand the understanding of lying in different social contexts.

KEYWORDS: Lie; Graduality; Prototype.

Introdução

A mentira é um fenômeno complexo e multifacetado, presente em diversas interações humanas e amplamente estudado por áreas como Filosofia, Psicologia, Sociologia e Linguística. Embora tradicionalmente associada ao ato de afirmar algo falso com a intenção de enganar, definir *mentira* não é tão simples quanto parece. Diferentes

¹ Mestrado em Linguística. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Descrição, Análise e Processamento de línguas naturais. Orientador: Renato Miguel Basso. CNPQ (Processo 133405/2025-7). E-mail: carolinacolosso@estudante.ufscar.br.

culturas, contextos e circunstâncias podem influenciar a forma como a mentira é percebida e classificada.

Este artigo tem como objetivo investigar a noção de mentira no português brasileiro sob uma perspectiva baseada em protótipos, analisando sua gradualidade e os elementos que a compõem. A partir de experimentos adaptados de estudos clássicos sobre o tema, buscamos compreender quais fatores são mais relevantes para que falantes do português brasileiro reconheçam um enunciado como mentira e como essa percepção pode diferir de outras línguas e culturas, e comparamos nossos resultados com um trabalho prévio. Dessa forma, propomos uma reflexão sobre a variabilidade da mentira, considerando-a não como um conceito fixo e categórico, mas como um fenômeno linguístico e gradual que pode assumir diferentes nuances conforme o contexto em que ocorre.

Sobre *mentira* e suas definições

Mentir é um comportamento humano que assume várias formas e tem sido amplamente debatido, há séculos, em diversas áreas do saber, como Filosofia, Psicologia, Sociologia e Direito². Além disso, é um fenômeno presente em muitas situações do cotidiano, e suas implicações e significados são analisados de diferentes maneiras. As definições clássicas do que é mentira, muitas vezes associadas à etimologia da palavra³, sugerem que esse fenômeno envolve a ação de não contar a verdade, enganar ou afirmar algo que se sabe ou suspeita como falso. No entanto, além da própria definição de *mentira*, uma análise mais profunda sobre as diferentes formas e motivações que levam um indivíduo a mentir revelam questões mais complexas.

A partir de uma reflexão sobre as circunstâncias que envolvem a mentira, surgem perguntas cruciais: Qual é o verdadeiro propósito por trás do ato de mentir? Seria a intenção de levar o ouvinte a acreditar em uma falsidade, ou há também a busca por uma vantagem pessoal para o falante? Ou, talvez, a mentira possa ter outros objetivos ainda não suficientemente explorados?

² É importante deixar claro, antes de mais nada, que trataremos aqui apenas de *mentiras privadas*, ou seja, aquelas de indivíduo para indivíduo, e não de *mentiras públicas*, como as chamadas *fake news*, por exemplo.

³ Mentira vem do latim *mentiri* “enganar, dizer falsidade”; *mentiri* faz alusão à construção de uma falsa realidade a partir de saberes sólidos. Alia-se também à palavra *mens* “mente, inteligência”, que está na raiz da palavra “mentira”, o que nos leva a inferir que o mentiroso necessita ter discernimento, porém, ao mesmo tempo, *mens* também tem o significado de “intenção”, isto é, nessa esteira, a mentira é um fruto de um empenho em enganar

Este artigo busca examinar algumas dessas questões, argumentando a favor de uma estratégia de análise de mentira como sendo algo gradual, baseado em protótipos e não algo categórico - uma definição que tem consequências nas pesquisas em Linguística e Filosofia. Contudo, para fazer isso, é necessário explorarmos também algumas das definições de mentira encontradas na literatura especializada, bem como nas intuições dos falantes.

Dessa forma, não seria incorreto dizer que, de acordo com a crença popular, a concepção de mentira revela-se fortemente amparada na ideia de enganar ou iludir alguém, com algum tipo de benefício para quem conta a mentira. Também não seria incorreto dizer que mentir não é um comportamento incomum ou atípico da sociedade – é um ato recorrente do cotidiano, que abrange várias situações e envolve diferentes motivações, se dá por meio de uma grande diversidade de estruturas linguísticas, e tem consequências diversas. Em geral, as pessoas experienciam os dois lados da mentira – mentirem e serem alvos de uma mentira.

Além de associar mentir a enganar ou iludir, esse fenômeno está comumente ligado a situações nas quais um sujeito usa de uma proposição para dizer algo que não condiz com a verdade – falar algo que se acredita (ou se sabe) ser falso é mentir. Essas duas concepções relacionadas à mentira podem levar a um entendimento de estarmos diante de um conceito único e categórico, isto é, se alguém mente, obrigatoriamente esse alguém está dizendo algo que não condiz com a verdade, e se entende assim, portanto, que sua intenção é de enganar o ouvinte.

Existem muitos questionamentos, entretanto, que podem ser feitos sobre essa concepção de mentira, entre outras coisas, porque veremos que a mentira é um conceito abstrato, já que se articula de diferentes maneiras dependendo de uma série de fatores mais complexos e com mais nuances do que uma definição simplista deixa transparecer (cf. Meibauer, 2014). Se isso estiver correto, já podemos vislumbrar, por exemplo, que nem todas as pessoas nem todas as sociedades precisam necessariamente compartilhar a mesma concepção de mentira, e que tal concepção pode inclusive mudar com o tempo numa mesma sociedade. Além disso, podemos também vislumbrar a possibilidade de haver, numa mesma sociedade e tempo, diferentes tipos de mentira.

Quando deliberadamente falamos em mentir, a resposta automática e mais comum é *fulano enganou alguém* ou até mesmo *fulano mentiu para não falar a verdade*. Numa análise simples dessas concepções, a pessoa que mentiu escolheu tomar a decisão de dizer algo que não condiz com a verdade (uma não-verdade), e poderíamos concluir, então, que

isso é tudo o que há para ser dito sobre mentir, já que esta é uma decisão arbitrária e subjetiva do sujeito que está agindo. Porém, mesmo que as situações apresentadas sejam parecidas (*i.e.*, enganar e falar inverdades), elas não se referem à mesma coisa. Concomitantemente, essa situação nos leva a crer, portanto, que sempre temos a opção de não mentir, já que isto pode ser uma escolha, e que podemos enganar sem precisar dizer inverdades. É possível, por exemplo, considerar que falar apenas parte da verdade é mentir - mas será que se trata de um mesmo tipo de mentira? E se mentira tiver como intenção última proteger o ouvinte - é uma mentira da mesma natureza ou tipo daquela usada para enganar o ouvinte e trazer alguma vantagem para o mentiroso?

Dessa forma, é interessante nos voltarmos para a discussão sobre a mentira possuir ou não uma definição consensual filosófica que possa ser aplicada às teorias da linguagem, tal como se existisse um protótipo que nos permita identificar traços e/ou características presentes em sentenças e proferimentos que possibilitem a formulação de uma teoria que dê meios para, por exemplo, identificarmos uma mentira, esteja ela associada ou não a enganar, seja seu conteúdo total ou parcialmente falso.

Simultaneamente, o conceito de mentira é um tópico com pouca investigação específica no português brasileiro, portanto, uma elaboração linguística apropriada sobre o significado semântico-pragmático de *mentira* pode beneficiar-se significativamente da consideração da diversidade linguística e cultural, visto que o protótipo de um conceito pode resultar da combinação de diversos fatores, tanto sociais quanto locais. Este estudo visa contribuir para preencher essa lacuna.

A definição clássica de mentira e seus problemas

Vimos até agora que definir o que é mentir ou o que é uma mentira não é uma tarefa trivial. Outra evidência a favor disso é o fato de ser possível encontrar, desde a Antiguidade Clássica, diversas análises e propostas distintas que têm como foco a mentira, suas definições e consequências. Em termos mais contemporâneos, no âmbito da análise linguística e da filosofia da linguagem, podemos questionar, por exemplo, se mentir é um ato de fala, qual é o conteúdo proposicional de uma mentira, se mentir é uma operação semântica sobre uma proposição, ou se é resultado de algum tipo de implicatura, se mentira é igual a inverdade e se há diferentes tipos de mentira, entre outras questões.

Entre as várias possibilidades de definição para mentira, uma das mais citadas, e que é ponto de partida para quem investiga temas sobre mentiras e mentir, é a chamada

Definição Agostiniana de Mentira. Essa definição, conforme o nome indica, encontra-se nos escritos de Aurélio Agostinho de Hipona (354-430 d.C.), conhecido popularmente como Santo Agostinho. Até os dias de hoje, essa concepção de mentira, pelo menos na percepção mais geral, não sofreu grandes alterações, pois, por exemplo, em uma pesquisa rápida na internet, facilmente podemos encontrar o mesmo significado para mentira aventado por Santo Agostinho, porém em outros termos, como: *mentira é a afirmação de algo que se sabe ou se suspeita ser falso; negar conhecimento sobre alguma coisa; não contar a verdade; o ato de enganar, iludir*, etc. Esse fato evidencia que há algo importante sobre a intuição relacionada à mentira na definição agostiniana.

Notamos, então, que a definição agostiniana de mentira, que, como dissemos, é um ponto de partida importante, é formada, mais precisamente, por dois elementos:

- I) O falante sabe que o enunciado é falso.
- II) O falante tem a intenção de enganar o ouvinte.

Ambos os elementos aparentam estar correlacionados numa visão comum e estereotipada de mentir, porém, em (I), o fator principal é o falante compreender/saber que o que diz é falso, uma não-verdade. Isso nos leva à conclusão precipitada de que, se o falante tem consciência da falsidade do seu dizer, consequentemente, há a pretensão de iludir o ouvinte. Contudo, apesar de admitir que o dizer é falso, apenas com (I) não é possível afirmar que o falante que mente tem a intenção de enganar, pois ele não está necessariamente tentando convencer o ouvinte de que o que ele está dizendo é verdade. Já com (II), a situação é diferente, pois, ao afirmar que a intenção do falante é enganar o ouvinte, o enunciado é adaptado para que o destinatário seja convencido de que o que está sendo dito é verdade. A definição agostiniana liga (I) a (II) de modo direto.

É interessante notar que esse segundo elemento (II) serve de pauta para debates contemporâneos na atribuição de comportamento tanto do falante quanto do ouvinte sobre o que constitui uma mentira e o ato de mentir (*cf.* Biondo, 1994), e as críticas dessa definição se centram em haver ou não necessidade de enganar o ouvinte para termos uma mentira. Ou seja, alguns filósofos contemporâneos defendem que basta estarmos diante de (I) para termos uma mentira, como é o caso do trabalho de Stokke (2018).

Trazemos, então, uma pequena situação para elucidar as críticas contemporâneas à definição agostiniana de mentira. Stokke (2018), por exemplo, propõe o seguinte cenário:

Uma estudante, acusada de colar em uma prova, é chamada no escritório da diretora. A estudante sabe que a diretora tem o conhecimento de que ela, de fato, colou, mas também sabe que a diretora não irá puni-la, a menos que a aluna admita explicitamente sua culpa. A aluna afirma que não colou. Embora a estudante diz algo que acredita ser falso, ela não tem a intenção de enganar a diretora. Mesmo assim, a estudante está mentindo (Stokke, 2018, p. 18-19, tradução autoral⁴).

Segundo Stokke (2018), essa pequena história já seria o suficiente para questionar a teoria pré-concebida de que mentir envolve obrigatoriamente enganar alguém. Por um lado, é fato que a aluna está mentindo, afirma o filósofo. Mas, considerando que a aluna tem plena consciência de que a diretora também sabe que ela está mentindo, não há mais a intenção de enganar (por meio da mentira contada) - ora, se enganamos alguém por meio de uma mentira é porque levamos o ouvinte a acreditar que o que dissemos é verdade. Na situação relatada no exemplo, isso não pode acontecer simplesmente porque o ouvinte (i.e., a diretora) já sabe que está ouvindo uma mentira. A análise, portanto, é de que todos os componentes dessa mentira são explícitos, ou seja, a mentira existe e as pessoas sabem disso, porém, o foco neste caso é a aluna mentir para buscar uma maneira de se livrar de uma situação, e não é possível dizer que a aluna está enganando a diretora ao mentir. Ou seja, estamos diante de uma mentira que não envolve enganar.

Entre as várias questões sobre mentiras e mentir que vimos acima, ainda admitindo que mentir tenha várias funções, é possível colocar à prova a ideia de que há situações e enunciados que são mais claramente mentiras do que outros. Se esse for o caso, mentir pode ser, na verdade, algo gradual, ou seja, pode ser que existam mentiras mais claramente definidas como tal do que outras. Assim, ao lado das várias perguntas que apresentamos acima, existem as seguintes: mentiras são graduais ou categóricas? Se foram graduais, quais são os *componentes* da mentira? O que torna algo mais mentira do que outros? Em suma, quais os ingredientes da *mentira prototípica*, aquela que, em princípio, ninguém duvidaria se tratar de uma mentira? A mentira prototípica é igual para todas as sociedades e línguas, ou podemos legitimamente perguntar qual é o protótipo de mentira para falantes de português brasileiro (PB), por exemplo?

⁴ No original: “A student accused of cheating on an exam is called to the Dean’s office. The student knows that the Dean knows that she did in fact cheat. But as it is also well known that the Dean will not punish someone unless they explicitly admit their guilt, the student says, I didn’t cheat. Although the student says something she believes to be false, she does not intend to deceive the Dean. Even so, the student is lying”.

É nesse aspecto que desenvolver uma análise linguística para poder delimitar o conceito de mentira e oferecer uma definição clara e precisa aos termos fica ainda mais interessante.

O protótipo de *mentira*

Neste artigo, consideramos que o conceito de mentira está relacionado a um protótipo, ou seja, há fenômenos claramente considerados como mentira e outros que podem estar mais ou menos próximos a esse protótipo. Essas ideias são baseadas no trabalho pioneiro de Linda Coleman e Paul Kay, intitulado *Prototype Semantics: The English Word Lie* (1981), cuja proposta é analisar os significados atribuídos à palavra ‘mentira’ por meio de pequenas histórias que possuem elementos linguísticos pensados especificamente para esse estudo, cuja função é expor o fato de que é necessário mais de uma interpretação para dar conta do entendimento de que mentir pode possuir mais facetas do que apenas enganar, por exemplo.

Em seu trabalho, Coleman e Kay (1981) propõem definir uma mentira *boa, clara* ou *eficiente* quando ela cumpre alguns critérios, por exemplo, quando o falante (F) afirma uma proposição (p) para um ouvinte (O) (Coleman e Kay, 1981, p. 28) de modo que:

- (1) a. p é falso.
- b. F acredita que p é falso.
- c. Ao enunciar p, F pretende enganar O.

A definição acima, considerada como uma mentira prototípica, é caracterizada por: a) falsidade, b) ser deliberada e c) ser destinada a enganar. Dada que esta definição tem três elementos, podemos considerá-la como uma caracterização prototípica de mentira, e assim concluímos que todos os enunciados que possuem essas três características seriam considerados mentiras completas (ou prototípicas) e o enunciado que romper com algumas dessas características ainda poderia ser classificado como mentira, mas não com tanta clareza, pois seria uma mentira *incompleta*, que se distancia do protótipo.

O próximo passo dos autores foi formular o protótipo da mentira com base em três traços semânticos que capturam as características vistas acima, articulados a partir de

oito pequenas histórias que exprimem diferentes situações de como uma mentira pode ser aplicada e analisada:

- (i) falsidade da proposição;
- (ii) intenção de falar falsamente;
- (iii) intenção de enganar.

As histórias do experimento foram, então, construídas descrevendo situações e atos de fala que incorporavam cada uma das oito combinações possíveis desses três elementos, como representa a tabela abaixo:

Histórias	P é falso	F acredita que P é falso	F pretende enganar O	Conclusão
H1 P	+	+	+	É mentira
H2 P	-	-	-	Não é mentira
H3 P	+	-	+	É mentira
H4 P	-	+	+	É mentira
H5 P	+	+	-	É mentira
H6 P	-	-	+	É mentira
H7 P	+	-	-	É mentira
H8 P	-	+	-	É mentira

Tabela 1 - Possibilidades de mentira⁵

As histórias propostas pelos autores versavam sobre assuntos diferentes e foram julgadas de acordo com os dizeres das personagens relevantes à história, podendo ser apontado pelos sujeitos que analisam as histórias se houve ou não mentira, e com qual certeza. O padrão das respostas de julgamento é sobre se as histórias relatam ou não mentiras que levaram os autores a identificarem quais desses elementos são mais relevantes para determinar o protótipo de mentira para falantes de inglês, ou seja, se há o traço (i), (ii) ou (iii), se há alguma combinação específica entre eles, etc.

Mesmo que nem todos os exemplos citados abaixo possam ser classificados como mentira, eles contêm um ou mais dos elementos (i)-(iii). Por exemplo, a mentira social

⁵ Fonte: Elaboração própria.

comum, aquela que não possui necessariamente o intuito de enganar, é frequentemente proferida em situações em que possa ser verdade: o ouvinte não tem como saber nem se interessa em saber. Entretanto, esse fenômeno também acontece com frequência quando o ouvinte já sabe que a sentença é falsa. Qualquer situação em que a polidez da fala exija alguma nota, alguma observação, pode produzir uma mentira social:

- (2) a. Que festa adorável!
- b. O jantar foi ótimo.
- c. Oh, você escreveu aquele artigo sobre mentir? Achei muito interessante.
- d. Que bom ver você!
- e. Apareça a qualquer momento.

Para o preenchimento dessa lacuna social, F não precisa enganar O.

No entanto, outros dois elementos estão presentes: F não acredita no que diz e a sentença é, de fato, falsa. Alguns leitores deste estudo, sob essa análise, decidem que o que chamamos de mentiras sociais não são mentiras de acordo com seu entendimento; outros irão discordar e outros, talvez, ainda achem uma questão muito difícil de resolver. Essa variação interpessoal, acoplada com a incerteza intrapessoal sobre a aplicabilidade de uma palavra a eventos do mundo real, parece característico de casos em que alguns elementos do protótipo estão presentes e outros ausentes, e assim essa situação se configura como um argumento a favor de uma abordagem para mentira baseada em protótipos.

Por exemplo: Maria está saindo de casa, pois quer comprar um presente de natal para o marido, José. Quando ele lhe pergunta para onde vai, ela pode responder:

- (3) A loja de sapatos está com uma promoção e preciso de novos.
- (4) Acabou a pimenta do reino.
- (5) Para a loja.

É totalmente plausível que a loja de sapatos esteja em promoção e que os sapatos de Maria estejam desgastados e ela precise de novos. Entretanto, com a sentença (3), Maria dá a entender a José que ela vai comprar sapatos novos, o que não é verdade. Muitas pessoas classificariam essa situação como uma mentira, ao mesmo tempo em que outras não, pois, nestes casos, as sentenças cumprem apenas a condição (iii) - o falante tem

intenção de enganar. Essa forma de *enganação*, com o intuito de dizer meias verdades, é uma maneira comumente utilizada por pessoas que desejam se proteger de acusações subsequentes ao terem dito uma não-verdade.

Coleman e Kay (1981), ademais, tentaram explicar a natureza gradual da mentira em seu pioneiro artigo sobre a definição de *protótipo de uma mentira*. Como vimos, a definição proposta é a de que a mentira prototípica instanciaria o que está em (i)-(iii). Essa definição implica, portanto, que uma sentença que ocorre numa situação que contém os três elementos necessários seria considerada a mentira *prototípica* e que um enunciado sem um ou mais desses elementos ainda poderia ser classificado como mentira, mas com um grau inferior de certeza/confiança. Para testar essa hipótese, como mencionamos acima, os autores desenvolveram um questionário contendo oito histórias com diferentes alterações desses três elementos. Numa investigação preliminar, adaptamos o questionário a dados do PB e o aplicamos a sujeitos falantes dessa língua para avaliar o protótipo de mentira em PB⁶. Na próxima seção, descrevemos tal pesquisa.

O protótipo de mentira no PB: uma investigação preliminar

O estudo que descreveremos a seguir tem como foco principal desenvolver um olhar sobre a definição de mentira no português brasileiro a partir de uma análise semântico-pragmática baseada em respostas a um questionário - além de uma análise contrastiva com outras línguas cujos falantes também responderam a esse mesmo tipo de experimento, com o intuito de mostrar como o leitor entende que um enunciado é uma mentira a depender das situações nas quais esse enunciado é inserido no questionário.

Em nossa pesquisa, trabalhamos com um protótipo que avaliou a teoria de que mentira pode ser um conceito definido a partir de uma gradualidade. Esse protótipo expressa as características mais salientes de uma categoria conceitual, isto é, o principal membro a ser estudado. Numa primeira análise prototípica de *mentira*, é apresentado que, quando tentamos definir a palavra mentira, a primeira coisa que nos vem em mente é, provavelmente, a ideia de dizer algo que não é verdade. Isso, entretanto, pode não ser a forma mais adequada ou útil de definição, já que frequentemente as pessoas dizem coisas que não se qualificam como verdades, mas tampouco podem ser chamadas de mentiras quando o falante tenta, de maneira sincera, transmitir o que ele acredita ser uma

⁶ O questionário pode ser identificado por meio da Plataforma Brasil, seguindo o protocolo CAAE: 77778523.3.0000.5504.

informação verdadeira. Erros assim, como interpretações incorretas do que é dito, ocorrem com frequência e não são rotulados necessariamente como mentiras.

Dessa forma, com base no trabalho de Coleman e Kay (1981), construímos um questionário contendo também 8 diferentes histórias, com foco na análise da mentira voltada aos falantes do PB, cada uma representando uma das diferentes configurações propostas dos três elementos (i)-(iii) sugeridos pelos autores. Cada história tem um enunciado entre aspas, que solicita os sujeitos a avaliar, escolhendo um número de 1 a 7, a história que acabaram de ler, de modo semelhante ao questionário original, sendo eles equivalentes a:

1. Tenho certeza de que não é mentira;
2. Talvez não seja mentira;
3. Tenho dúvidas de que não é mentira;
4. Não sei;
5. Tenho dúvidas de que é mentira;
6. Talvez seja mentira;
7. Tenho certeza de que é mentira.

A razão pela escolha particular de uma escala de avaliação se dá pela ideia de que é desejado obter uma *gradualidade de mentira* ou gradualidade de informação que certamente apontaria àquela história como contendo uma mentira.

O experimento, como dito anteriormente, foi baseado no questionário elaborado e aplicado a falantes de inglês. Em nosso caso, o questionário que elaboramos foi aplicado a uma parcela de falantes do português brasileiro, composta por 72 pessoas. Com esses sujeitos, é possível determinar uma previsão inicial de gradualidade de mentira no PB e os traços de seu protótipo, já que os participantes possuem diferentes idades e formações acadêmicas, o que nos proporcionou diferentes resultados, até mesmo em relação às respostas apresentadas à língua inglesa, de Coleman e Kay (1981).

É importante dizer que as histórias I e II foram usadas como um controle, pois a primeira é uma mentira prototípica, contendo todos os elementos propostos em (i)-(iii), enquanto a segunda é uma sentença verdadeira, que não contém nenhum dos elementos

do protótipo de mentira (i)-(iii); por sua vez, as demais histórias representavam diferentes combinações possíveis para os traços (i)-(iii)⁷:

- (I) Caio comeu o bolo que Julieta pretendia servir na empresa. Julieta pergunta a Caio, “Você comeu o bolo?”. Caio responde, “Não”. **Caio mentiu?**
- (II) Diego, João e Marcos estão jogando golfe. Marcos pisa na bolinha de Diego. Quando Diego chega e vê a bola afundada no gramado, pergunta: “João, você pisou na minha bolinha?”. João responde: “Não, foi Marcos que pisou”. **João mentiu?**⁸
- (III) George acredita ter que passar pela loja de doces para entrar no bar onde joga sinuca, mas ele está errado, pois a loja de doces mudou de endereço. A mãe de George não aprova o fato dele jogar sinuca. No momento em que ele está saindo, com a intenção de ir ao bar, sua mãe pergunta onde ele está indo. George responde que está indo para a loja de doces. **George mentiu?**
- (IV) Em uma manhã, Katerina tem uma prova de aritmética para a qual não estudou e, por isso, não quer ir para a escola. Ela diz à mãe que está doente. A mãe mede sua temperatura e Katerina fica surpresa ao descobrir que está realmente doente, descobrindo mais tarde naquele dia que era sarampo. **Katerina mentiu?**
- (V) Silvio é convidado para um jantar na casa de seu chefe. Depois de uma noite horrível, que ninguém gostou, Silvio diz à sua anfitriã: “Obrigado, foi uma festa maravilhosa”. Silvio não acredita que foi uma noite maravilhosa, inclusive não está tentando convencer ninguém de contrário, está apenas preocupado em dizer algo legal para a esposa de seu chefe, sem considerar o fato de que ele não espera que ela acredite nisso. **Silvio mentiu?**
- (VI) João e Maria recentemente começaram a sair juntos. Valentino é o ex-namorado de Maria. Numa tarde, João pergunta para Maria se ela tinha visto Valentino na última semana e ela responde que Valentino teve uma virose nas

⁷ Ao responder à pesquisa, cada sujeito leu as histórias dispostas aleatoriamente.

⁸ No original:

(I) Moe has eaten the cake Juliet was intending to serve to company. Juliet asks Moe, 'Did you eat the cake?' Moe says, 'No.' Did Moe lie?

(II) Dick, John, and H.R. are playing golf. H.R. steps on Dick's ball. When Dick arrives and sees his ball mashed into the turf, he says, 'John, did you step on my ball?' John replies, 'No, H.R. did it.' Did John lie?

últimas duas semanas. De fato, Valentino esteve doente, mas também é fato que Maria teve um encontro com Valentino na noite passada. **Maria mentiu?**

(VII) Dois pacientes estão aguardando para serem levados à sala de cirurgia. O médico aponta para um e pergunta: “Jonas está aqui pela apendicectomia ou pela tonsilectomia?” A enfermeira Bruna tinha acabado de ler os prontuários. Mesmo muito preocupada em manter seu emprego, ela acaba confundindo os prontuários e afirma: “Apendicectomia”, quando, na verdade, Jonas estava agendado para fazer a tonsilectomia. **A enfermeira Bruna mentiu?**

(VIII) Tomás conseguiu ingressos para o campeonato de jogos e estava muito orgulhoso disso. Ele mostra os ingressos ao chefe, que diz: “Ouça, Tomás, se algum dia você não vir trabalhar, é melhor ter uma desculpa melhor do que essa”. Tomás responde “Eu terei”. No dia do jogo, Tomás liga para o chefe e diz: “Não posso ir trabalhar hoje, porque estou doente.” Ironicamente, Tomás não pode ir ao jogo porque a leve dor de estômago que ele sentiu ao chegar acabou se revelando um envenenamento por ptomaína. Portanto, ele estava realmente doente. **Tomás mentiu?**

A previsão esperada nos resultados do formulário se baseia na tabela 1, apresentada anteriormente; sendo assim, as histórias que contém mais positivos para características apresentadas como definidores de mentiras, são consideradas *mentiras mais completas* ou *mais mentira* que as histórias que trazem menos dessas características. Isso se dá pois, quanto mais a história enunciada adquire cada uma dessas características, mais próxima ela fica da elaboração de uma mentira prototípica.

O gráfico 1 representa as respostas para cada história do português brasileiro; os rótulos de *H1 PTBR* até *H8 PTBR* representam cada uma das histórias:

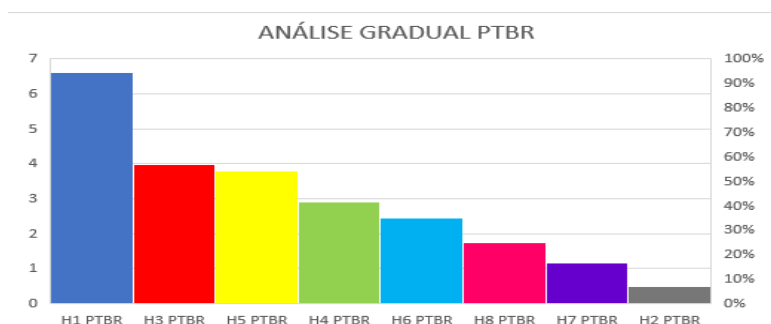


Gráfico 1 - Valores dos julgamentos sobre mentiras no português brasileiro⁹

⁹ Fonte: Elaboração própria.

Observamos uma escala que traz uma representação em porcentagem na qual 7, que representa o total de opções a serem escolhidas para responder cada questão no formulário, equivale diretamente a 100%. O cálculo utilizado para montarmos uma proporção viável considera 7 como o valor numérico máximo a ser alcançado, pois se refere a *Tenho certeza de que é mentira*.

Portanto, para formarmos uma escala que mostre o máximo de pontuação que cada história pode receber, baseada na quantidade de sujeitos participantes, é necessário multiplicar 7, a quantidade de respostas possíveis em cada história, por 72, a quantidade total de participantes desta pesquisa piloto. A pontuação máxima é de 504 e a mínima 72, respectivamente. Em seguida, para conseguirmos a pontuação total é necessário multiplicar a quantidade de respostas da tabela 2, da coluna *Tenho certeza de que é mentira*, por 72 (quantidade de participantes), para sabermos se a probabilidade numérica alcançada está mais próxima da pontuação máxima ou da pontuação mínima. Nas tabelas abaixo podemos ver com mais clareza os resultados.

HISTÓRIAS/ RESPOSTAS	1	2	3	4	5	6	7
H1 PB	1	0	0	0	0	3	<u>68</u>
H2 PB	65	1	0	1	0	0	<u>5</u>
H3 PB	6	7	4	2	7	5	<u>41</u>
H4 PB	8	6	4	2	8	14	<u>30</u>
H5 PB	7	7	4	1	7	7	<u>39</u>
H6 PB	16	6	2	3	10	10	<u>25</u>
H7 PB	34	11	4	4	4	3	<u>12</u>
H8 PB	29	8	5	2	6	4	<u>18</u>

Tabela 2¹⁰ - Quantificação de respostas para cada história ¹¹

¹⁰ Os números apresentados na tabela referem-se às possibilidades de resposta no formulário, sendo: 1 - Tenho certeza de que não é mentira; 2 - Talvez não seja mentira; 3 - Tenho dúvidas de que não é mentira; 4 - Não sei; 5 - Tenho dúvidas de que é mentira; 6 - Talvez seja mentira; 7 - Tenho certeza de que é mentira.

¹¹ Fonte: Elaboração própria.

HISTÓRIA	TOTAL	MÉDIA (TOTAL/72)	HISTÓRIA	TOTAL	ESCALA (TOTAL/67) *
H1 PTBR	476	6,61	H1 I	466	6,96
H2 PTBR	35	0,48	H2 I	71	1,06
H3 PTBR	287	3,98	H3 I	245	3,66
H4 PTBR	210	2,91	H4 I	346	5,16
H5 PTBR	273	3,79	H5 I	315	4,7
H6 PTBR	175	2,43	H6 I	233	3,48
H7 PTBR	84	1,16	H7 I	199	2,97
H8 PTBR	126	1,75	H8 I	309	4,61

Tabelas 3 e 4 - Representações das escalas do PTBR e do Inglês (aplicadas por Coleman e Kay)¹²

Por fim, para termos a média dessas respostas, precisamos dividir a pontuação total por 72, a quantidade de participantes. A pontuação média de cada história indica o grau que os sujeitos consideram a história uma mentira.

Ao retomar o raciocínio de que 7 equivale a 100%, informamos que é apenas uma maneira de clarificar a questão, já que 7 é o número mais alto e total que essa média pode atingir, indicando a prototipicidade de uma mentira, como foi apresentado no Gráfico 1.

Nosso objetivo, com essa análise, é descobrir se uma ou duas das características apresentadas na Tabela 1 é mais relevante do que outras, de forma que, caso presentes num enunciado, possam influenciar o leitor a avaliar que o que é dito é *mais mentira* ou uma *mentira mais completa*.

Para que pudéssemos, então, analisar os resultados de maneira mais visual, utilizamos a porcentagem como nossa principal ferramenta. Para chegar às porcentagens, foi elaborada uma simples regra de três, em que determinamos que o número 7 (definido em nossa escala como *Tenho certeza que é mentira*) equivale a 100%, já que buscamos o maior número de participantes que tenham votado na opção 7 e os dados apresentados nas tabelas, de ambas as línguas, especificamente a seção da escala total dividida pelo número de participantes. Essa razão nos mostra as porcentagens relativas de cada história para que possamos compará-las entre si e com os resultados do experimento de Coleman e Kay (1981).

Para a história 1, em ambas as línguas (inglês e PB), por exemplo, fica claro que os sujeitos a consideram um exemplo de mentira, e esse resultado está de acordo com a previsão de a história 1 ser uma *mentira prototípica*, pois possui os três elementos apresentados na tabela 1 que caracterizam um enunciado como mentira. Ao analisar as porcentagens, vemos que no inglês, 99% dos participantes decidiram que a história era mentira, e no português brasileiro, 94% dos candidatos votaram na história como sendo

¹² Fonte: Elaboração própria.

mentira - são números bastante próximos. Para a história 2, por outro lado, que não contém nenhuma das características que positivam um enunciado como mentira, vemos que ela possui uma porcentagem muito mais baixa, já que nosso foco é apenas analisar o quanto as pessoas entendem e interpretam uma mentira. No PB, 6,8% dos participantes votaram que a história 2 era mentira, enquanto no inglês, esse valor aumenta para 15%.

A história 3 também não possui uma porcentagem muito discrepante entre as línguas, já que a porcentagem de participantes que consideraram o enunciado como mentira no PB foi de 57% e no inglês, de 52%. Isso poderia apontar que as características presentes referentes à mentira podem possuir a mesma influência em ambas as línguas.

Contudo, nas histórias 5 e 6, esse parâmetro começa a mudar. No PB, os participantes que consideraram o enunciado uma mentira da história 5 foram 54%, enquanto no inglês foi de 67%. Na história 6, podemos ver que 35% dos participantes consideraram a história como mentira no PB, ao mesmo tempo que na língua inglesa foram 50%.

As porcentagens nesses casos podem ainda não ser de valores discrepantes, mas são passíveis de uma análise mais minuciosa, pois existe uma diferença a ser considerada aqui, mesmo que pequena. Não há características iguais presentes em ambas as histórias, o que indica que o que as tornam mentiras são casos diferentes. Na história 6, a característica predominante que a transforma em uma mentira é o fato de o falante pretender enganar o ouvinte; na história 5, temos mais de uma característica, a de que a proposição que é dita ser falsa e o falante acreditar que a proposição seja falsa.

Vejamos uma comparação das respostas em ordem crescente do que foi considerado mentira para as duas línguas na tabela 5. Para tanto, vamos retomar os traços que caracterizam as histórias na tabela abaixo, e nomear cada traço como A, B e C, para facilitar a visualização; assim sendo, a história H1 seria ABC, e H2 seria 0, como abaixo:

Histórias	P é falso - A	F acredita que P é falso - B	F pretende enganar O - C	Conclusão
H1 ABC	+	+	+	Mentira prototípica
H2 0	-	-	-	Não é mentira
H3 AC	+	-	+	É mentira
H4 BC	-	+	+	É mentira

H5 AB	+	+	-	É mentira
H6 C	-	-	+	É mentira
H7 A	+	-	-	É mentira
H8 B	-	+	-	É mentira

Tabela 5 - Traços semânticos da mentira¹³

Podemos colocar lado a lado os resultados obtidos, organizados de acordo com o que foi considerado mais mentira em cada língua, chegando assim ao que está representado na Tabela 6.

PB	Razão PB	Inglês	Razão Inglês
H1 PB ABC	6,61	H1 I ABC	6,96
H3 PB AC	3,98	H4 I BC	5,16
H5 PB AB	3,79	H5 I AB	4,7
H4 PB BC	2,91	H8 I B	4,61
H6 PB C	2,43	H3 I AC	3,66
H8 PB B	1,75	H6 I C	3,48
H7 PB A	1,16	H7 I A	2,94
H2 PB 0	0,48	H2 I 0	1,06

Tabela 6 - Resultado comparativo das análises¹⁴

Comparando os traços relevantes, podemos ver a importância do traço B (F acredita que P é falso) para o inglês, ao passo que os resultados em PB são mais difusos, e apontam para a importância do traço A (P é falso). Entretanto, vemos que o traço B, que tem mais relevância para o inglês, é o que menos induz a uma mentira no PB.

Dessa forma, podemos concluir que não há um traço único que seja responsável pela maior inferência de que um enunciado é uma mentira, mas sim uma relevância maior entre os traços. A partir dos dados obtidos, podemos concluir que no português brasileiro a ordem de relevância dos traços que caracterizam mentiras segundo a proposta de Coleman e Kay (1981) é A, C e, por fim B; na língua inglesa, por outro lado, os traços se alteram completamente, sendo a ordem de relevância B, A e C.

¹³ Fonte: Elaboração própria.

¹⁴ Fonte: Elaboração própria.

Os dados que obtivemos com nossa pesquisa apontam também que existe uma relevância entre os traços considerados importantes na definição de mentira, e a comparação dos dados do PB com os resultados em inglês, revelam que esses traços ou as características de mentira possuem diferentes importâncias para cada língua, como os gráficos e tabelas apresentados acima evidenciam. Mesmo que não haja uma diferença muito discrepante, julgamos que ela não pode ser ignorada, devido tanto a suas implicações práticas e sociais, quanto ao seu papel nos estudos sobre mentira que devem, a nosso ver, levar em conta que estamos diante de um conceito complexo, multifacetado e culturalmente variável, ainda que com certa estabilidade.

Comparação com um trabalho prévio

Diante do que foi exposto, esperamos ter deixado claro a necessidade de uma elaboração propriamente linguística sobre o que, de fato, podemos considerar semanticamente o conceito de mentira, pois uma definição do significado de mentira é, na realidade, muito mais complexa do que pode parecer à primeira vista, além de tratar-se de um tópico com pouca ou quase nenhuma investigação no português brasileiro, nosso foco principal nesta pesquisa. E tal elaboração linguística pode em muito se beneficiar de uma investigação que considere a diversidade linguística, justamente porque em se tratando de um protótipo, ele pode ser resultado da combinação de vários fatores, sociais e locais, por exemplo.

De fato, a investigação desenvolvida por Coleman e Kay (1981) a respeito de uma visão semântica prototípica do significado de mentira posteriormente também foi aplicada, em forma de questionário, em diversas outras línguas, como o indonésio (Adha, 2020), o árabe de Meca (Cole, 1996), o espanhol do Equador (Hardin, 2010), o espanhol de Madri (Eichelberger, 2012) a língua mopan, descendente de grupos Maias, no Belize e Guatemala (Danzinger, 2010), o chinês (Yeung *et al.* 1999), a língua samoana, na Polinésia (Aune; Walters, 1994), o tailandês (Intachakra, 2011), o coreano (Hee *et al.* 2007), o tzeltal, língua Maia falada em estados do México (Brown, 2002), além de uma aplicação prévia realizada no português brasileiro, adaptada por Biondo, em 1994, em sua dissertação de mestrado, realizada na Universidade Federal do Paraná.

O trabalho denominado como *A Semântica da Palavra Mentira e seu Protótipo Cognitivo: Novas Evidências Empíricas* (Biondo, 1994), buscou desenvolver, na linha de pesquisas experimentais em linguística cognitiva, o efeito de protótipos na formação de

categorias semânticas, além de contestar a visão clássica sobre a constituição de categorias mentais como estritamente categóricas, um tema de pesquisa ainda hoje muito relevante para diversas áreas. Na sequência, apresentaremos o trabalho de Biondo (1994), bem como teceremos algumas críticas com relação à metodologia utilizada, e faremos uma comparação com o trabalho apresentado na seção *A definição clássica de mentira e seus problemas*.

A dissertação de Biondo (1994) se insere na linha de pesquisa da semântica cognitiva, que busca contestar a visão clássica da categorização mental de conceitos. Segundo a abordagem tradicional, as categorias são definidas por limites fixos, propriedades essenciais e relações hierárquicas entre seus membros. Em contrapartida, a teoria do protótipo sugere que as categorias mentais possuem limites nebulosos (*fuzzy*) e uma estrutura interna gradativa, com membros mais ou menos representativos de uma cada categoria. Mais especificamente, assim como Coleman e Kay (1981), Biondo (1994) investiga a categoria mental representada pela palavra *mentira* utilizando noções de protótipo e gradualidade. O autor propõe que o protótipo da mentira é composto por elementos cognitivos que variam em relevância, formando uma *imagem mental* com diferentes pesos e, a partir disso, um experimento foi conduzido para verificar como fatores externos, como sexo e profissão, influenciam a organização interna da categoria mentira.

Biondo (1994) destaca que a categoria mentira possui limites imprecisos, implicando que não se restringe apenas aos exemplos mais típicos, mas também inclui casos menos representativos (ou *maus exemplos* do protótipo). Esses exemplos não prototípicos de mentira podem gerar incertezas pessoais e variações entre os falantes ao analisarem instâncias dessa categoria, uma vez que a classificação de um evento como mentira é feita com base nas semelhanças que ele compartilha com o protótipo de mentira. As respostas para esse experimento foram coletadas em uma escala *psicológica*¹⁵ de certeza, que variava de não-mentira a mentira. Os diferentes níveis dessa escala (representados pelas expressões: não estou certo, estou quase certo e tenho certeza absoluta) foram convertidos em números de 1 a 7, o que permitiu a aplicação de análises estatísticas nas respostas obtidas para cada ato de fala.

¹⁵ Biondo (1994) descreve que as categorias possuem uma estrutura hierárquica que influencia a formação dos campos lexicais. Há níveis psicológicos diferenciados: o nível básico (ex.: banana) é mais espontâneo em respostas do que o superordenado (fruta) ou subordinado (banana-maçã).

Os resultados do experimento seguiram de forma parecida com nosso próprio experimento: a história I (Carlos comeu, escondido, o bolo que Luísa pretendia servir aos funcionários da companhia. Luísa lhe perguntou: “Carlos, foi você que comeu o bolo?” e Carlos respondeu: “Eu não”. Ele mentiu?), que incluía todos os elementos do protótipo, obteve o escore mais alto (isto é, a certeza de que é mentira) entre todos os informantes e a história II (Chico e Moacir estavam jogando bola. Chico furou deliberadamente a bola do Celso. Quando Celso chegou e viu a sua bola vazia, perguntou furioso para Moacir: “Foi você que furou a minha bola?” E Moacir respondeu: “Não, foi o Chico que furou”. Moacir mentiu?), que não apresentava nenhum elemento do protótipo, recebeu o escore mais baixo (isto é, a certeza de que não é mentira) entre todos os informantes.

Para as demais histórias, confirmou-se a hipótese de que quanto mais elementos do protótipo uma história contiver, maior será o escore atribuído a ela. Assim, ao comparar duas histórias (A e B), se A incluir todos os elementos de B, além de um extra, A receberá um escore no mínimo igual, e no máximo superior, ao de B, pela maioria dos informantes.

Em relação à hierarquia dos traços do protótipo, os dados iniciais indicaram que o elemento i (P é falso) é o menos relevante dentro da categoria, enquanto os elementos ii (F sabe que P é falso) e iii (F pretende enganar) alternam-se como os mais importantes. Quando os informantes são agrupados por sexo, observa-se que essa indefinição entre (ii) e (iii) se aplica ao grupo dos homens; no caso das mulheres, o elemento (ii) é considerado o mais importante, e o (iii) ocupa a segunda posição. Ao separar os informantes por sexo e área de interesse profissional, verifica-se que a indefinição entre (ii) e (iii) persiste no grupo dos homens da área biotecnológica. Já para as mulheres da área humanística, o elemento (ii) é o mais relevante, enquanto, para os homens da área humanística e as mulheres da área biotecnológica, o elemento (iii) é o mais importante.

Ainda que o trabalho de Biondo (1994) seja muito interessante e avance muitas questões, é possível, ao mesmo tempo, identificar problemas metodológicos que podem ter atrapalhado nas respostas dos participantes. Por exemplo, (1) o quadro de respostas parece ter gerado confusão em parte dos informantes, especialmente para aqueles que adotaram uma postura não cooperativa (ou excessivamente cooperativa)¹⁶ diante da tarefa de leitura solicitada.

¹⁶ Biondo (1994) explica que o comportamento não-cooperativo diz respeito a leituras desatentas, enquanto a cooperação excessiva pode ter induzido interpretações errôneas, seja por inferências exageradas ou por preocupação em causar boa impressão.

Nota-se também que (2) a influência da variável *sexo* (ou seja, a observação de padrões de respostas distintos entre homens e mulheres para certas histórias) pode ter sido causada por um viés relacionado à organização contextual das histórias. Parece que as narrativas que envolvem um personagem masculino em conflito com uma personagem feminina induzem alguns informantes a se identificarem com o personagem do mesmo sexo. Assim, um informante do sexo masculino tenderá a defender o personagem masculino e acusar o feminino, enquanto uma informante do sexo feminino fará o oposto; no entanto, esse processo de identificação parece ocorrer apenas entre indivíduos mais inclinados a uma atitude não cooperativa no experimento.

É importante considerar ainda que (3) o uso de contextos irônicos nas histórias (V) e (VIII) pode ter gerado confusão nos informantes ao avaliar se essas histórias se encaixam na categoria mentira. Seja como for, esse experimento forneceu evidências de que o processo de categorização de mentira pode ser influenciado por variáveis externas, como sexo e área de interesse profissional, e ainda fica em aberto a possibilidade de que um experimento mais detalhado em nível empírico que possa confirmar os efeitos da variável profissão sobre as respostas dos informantes.

Dessa forma, os principais questionamentos levantados por Biondo (1994) mostram que é possível que diferentes grupos sociais atribuam pesos cognitivos distintos a certos elementos do protótipo da mentira; à medida que se dá mais atenção ao elemento iii (F pretende enganar), percebe-se que sua identificação depende, em grande parte, de uma série de fatores contextuais. Entre esses fatores, parecem estar o conhecimento implícito de princípios semelhantes às máximas conversacionais de Grice, além das implicações do *jogo de imagens* entre o falante e o ouvinte; os elementos do protótipo não devem ser vistos como propriedades isoladas, mas como componentes complexos cuja identificação depende, em certa medida, do reconhecimento de vários subelementos, que geralmente são pressupostos ou inferidos. Por exemplo, quando se afirma que o elemento i (P é falsa) está presente, isso significa que o informante reconheceu um exemplo claro de falsidade na proposição, ou seja, um contexto em que P é falso tanto para o falante quanto para o ouvinte e para o informante.

Da mesma forma, quando se diz que o elemento iii (F pretende enganar) está presente, isso implica que o informante reconheceu um contexto prototípico ou um exemplo claro de intenção de enganar. Portanto, é necessário explorar mais profundamente os componentes de cada elemento para entender quando ele representa um bom ou um mau exemplo de sua própria categoria, ou seja, quando é ou não

prototípico. Dessa forma, certos desvios observados no experimento podem ser explicados pela variação na representação dos elementos do protótipo nas diferentes histórias.

Em nosso experimento, aplicado trinta anos depois, utilizamos de outros métodos para a avaliação das respostas. Como foi apresentado na seção *A definição clássica de mentira e seus problemas*, nossa análise foi focada em desenvolver um olhar para a mentira a partir de uma análise semântico-pragmática, com o intuito futuro de comparar com o resultado obtido para outras línguas, tendo como foco final uma exploração de características mais estruturas e, na medida do possível, buscar uma explicação semântico-pragmática das razões de obter respostas diferentes entre as línguas.

Conclusão

A análise da mentira no português brasileiro sob uma perspectiva baseada em protótipos revela que esse fenômeno é mais complexo do que uma definição categórica poderia sugerir. Nossa pesquisa, descrita na seção *A definição clássica de mentira e seus problemas*, demonstrou que a mentira pode ser entendida de maneira gradual, com diferentes graus de prototipicidade, dependendo dos traços semânticos envolvidos, como a falsidade da proposição, a intenção do falante e o objetivo de enganar o ouvinte. Ao comparar os resultados obtidos com estudos prévios em outras línguas, observamos que a percepção da mentira pode variar de acordo com aspectos culturais e linguísticos. Enquanto no inglês a crença do falante sobre a falsidade da proposição se mostrou um fator central, no português brasileiro a falsidade da proposição teve um peso maior. Esses achados reforçam a ideia de que a mentira não é um conceito universal fixo, mas sim um fenômeno que pode assumir diferentes nuances conforme a língua e o contexto social.

Além disso, os resultados indicam que a categorização da mentira é influenciada por fatores individuais e contextuais, sugerindo a necessidade de novas investigações que aprofundem a relação entre linguagem, cognição e cultura. Ainda há muito o que pesquisar sobre a mentira, especialmente no que diz respeito ao português brasileiro, uma vez que esse campo de estudo ainda se encontra em expansão e pode oferecer contribuições relevantes para a linguística e áreas afins. A ideia de utilizar protótipos como ponto de partida se mostra particularmente interessante, pois permite uma avaliação empírico-experimental do fenômeno, possibilitando um refinamento metodológico que favorece análises mais precisas e menos sujeitas a interpretações subjetivas.

Considerando os desafios metodológicos inerentes a esse tipo de investigação, uma próxima elaboração do experimento pode corrigir vieses identificados tanto no estudo de Biondo (1994) quanto no presente trabalho, aprimorando a validade dos resultados obtidos. Precisamos, também, levar em consideração que o que foi feito para outras línguas pode contribuir significativamente para a formulação de um experimento mais robusto e menos suscetível a perspectivas difusas. A comparação intercultural pode, além de aprimorar o desenho experimental, também fornecer subsídios para uma discussão mais aprofundada dos dados alcançados, nos permitindo uma análise mais ampla sobre a percepção da mentira em diferentes contextos linguísticos e culturais.

Em suma, esta pesquisa reforça a importância de abordagens linguístico-experimentais para o estudo da mentira, demonstrando que sua definição não é apenas uma questão filosófica ou moral, mas também um reflexo das estruturas da linguagem e dos valores de uma sociedade. O aprofundamento das investigações nesse campo pode proporcionar avanços significativos para a compreensão da mentira e suas manifestações, contribuindo para um debate mais qualificado sobre a relação entre linguagem, cognição e cultura.

REFERÊNCIAS

ADHA, A. Indonesians do not believe in lying: new results of replicating Coleman and Kay's study. **Pro-Fil**, v. 21, n. 1, p. 11-23, 2020.

AUNE, R.; WALTERS, L. L. Cultural differences in deception: motivations to deceive in Samoans and North Americans. **International Journal of Intercultural Relations**, 1994.

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. London: Oxford University Press, 1962.

BACH, K. Seemingly semantic intuitions. In: CAMPBELL, K. J.; O'ROURKE, M.; SHIER, D. (org.). **Meaning and Truth**. New York: Seven Bridges, 2002. p. 21-33.

BEYSSADE, C.; MARANDIN, J. M. The speech act assignment problem revisited: disentangling speaker's commitment from speaker's call on addressee. In: BONAMI, O.; CABREDO HOFHERR, P. (org.). **Empirical Issues in Syntax and Semantics 6**. 2006. p. 37-68.

BIONDO, D. **A semântica da palavra mentira e o seu protótipo cognitivo: novas evidências empíricas**. 1994. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

BLÜHDORN, H. Zur Struktur und Interpretation von Relativsätzen. **Deutsche Sprache**, v. 35, p. 287-314, 2008.

BROWN, P. Everyone has to lie in Tzeltal. In: BLUM-KULKA, S.; SNOW, C. (org.). **Talking to Adults**. Erlbaum, 2002. p. 541-575.

CHEN, R.; HU, C.; HE, L. Lying between English and Chinese: an intercultural comparative study. **Intercultural Pragmatics**, 2013.

COLE, S. A. N. Semantic prototypes and the pragmatics of lie across cultures. **The LACUS Forum**, v. 23, p. 475-483, 1996.

COLEMAN, L.; KAY, P. Prototype semantics: the English word lie. **Language**, v. 57, n. 1, p. 26-44, mar. 1981.

COLOSSO, C P. **Características semânticas de mentira no português brasileiro: uma análise gradual**. 2024, p. 1-47. Monografia. Universidade Federal de São Carlos, 2024.

DANZINGER, E. On trying and lying: cultural configurations of Grice's Maxim of Quality. **Intercultural Pragmatics**, v. 7, n. 2, p. 199-219, 2010.

DILMON, R. Between thinking and speaking—linguistic tools for detecting a fabrication. **Journal of Pragmatics**, v. 41, n. 6, 2009.

EICHELBERGER, J. A semantic and pragmatic analysis of the Spanish word 'lie': implications and applications for the second language learner. **Baylor Institutional Repository**, 2012. Disponível em: <https://baylor-ir.tdl.org>. Acesso em: 24/03/2024.

HARDIN, K. J. The Spanish notion of lie: revisiting Coleman and Kay. **Journal of Pragmatics**, v. 42, n. 12, p. 3199-3213, 2010.

HOLLER, A. Uniform oder different? Zum syntaktischen Status nicht-restriktiver Relativsätze. **Deutsche Sprache**, v. 35, p. 250-270, 2007.

LEAL, S. *et al.* Cross-cultural verbal deception. **The British Psychological Society**, v. 23, n. 2, p. 192-213, 2018.

MEIBAUER, J. Lying and falsely implicating. **Journal of Pragmatics**, v. 37, n. 9, p. 1373-1399, 2005.

MEIBAUER, J. **Lying at the semantics-pragmatics interface**. Boston: De Gruyter Mouton, 2014.

MEIBAUER, J. (org.). **The Oxford handbook of lying**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2019.

SHUY, R. W. **The language of confession, interrogation and deception**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.

STOKKE, A. **Lying and insincerity**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

TAYLOR, J. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1995.

TRAVIS, C. E. Confianza and calor humano in Colombian Spanish. In: GODARD, C. (org.). **Ethnopragmatics: understanding discourse in cultural context**. New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 199-229.

WIEGMANN, A. Lying with the deceptive implicatures? Solving a puzzle about conflicting results. **Analysis**, v. 83, n. 1, p. 107-118, 2022.

YEUNG, L. N. T.; LEVINE, T. R.; NISHIYAMA, K. Information manipulation theory and perceptions of deception in Hong Kong. **Communication Reports**, v. 12, n. 1, p. 1-11, 1999.

Como referenciar este artigo:

COLOSSO, Carolina Peternela. Desvendando a mentira no português brasileiro: uma análise baseada em protótipos. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.49, n.1, p. 60-84, 2025.

Submetido em: 26/03/2025

Aprovado em: 04/08/2025